

## **Curso Superior, corpo docente e qualidade da formação: o papel do engajamento mútuo**

**Autoria:** Alexandre Mendes Nicolini, Sergio de Souza Xavier, Ana Beatriz Nascimento Ayres

### **Resumo**

O presente artigo tem por objetivo ampliar a compreensão acerca da existência de comunidade de prática. O estudo concentra-se em uma de suas dimensões, o engajamento mútuo, discutindo suas formas e categorias. Na primeira parte do estudo, pesquisaram-se autores que vêm trabalhando com a temática de comunidades de prática no Brasil e no exterior, construindo-se a pesquisa bibliográfica, por meio da busca por palavras-chave, pertinentes ao tema, nas bases de dados. Na segunda parte, foram feitas entrevistas semi-estruturadas com o corpo docente do curso superior na área de ciências sociais, em uma universidade privada no Estado do Rio de Janeiro. Este curso foi escolhido, pelo fato de ter sido bem avaliado pelo MEC (Ministério da Educação), no que tange à infra-estrutura corpo docente e organização didática – pedagógica, além da boa nota do ENADE (Exame Nacional de Desempenho de Estudantes). O grupo pesquisado foi composto por treze professores, além do coordenador, cujo percurso foi à existência de uma comunidade de prática e sua motivação, a percepção pessoal a respeito deste grupo e, por fim na terceira etapa, quais artefatos e elementos são importantes para identificação do mesmo.

Ao analisar a amostra, constatou-se que o corpo docente age de acordo com os preceitos de comunidade de prática, sendo os participantes engajados e ativos na troca de informações, no relato de experiências e na partilha de preocupações sobre práticas docentes, ratificando ser o engajamento mútuo um fator preponderante para sua continuidade como grupo social. Salienta-se que a reciprocidade, competência e continuidade são elementos observados neste grupo. Neste sentido conclui-se ao analisar os dados coletados, que a riqueza de experimentar a prática e de construí-la em conjunto são fatores primordiais para a existência desta comunidade. Observa-se também que um dos fatores mais comuns no que se refere ao engajamento mútuo dos professores nesta comunidade é a vontade de se desenvolver como docente, direcionando a comunidade no sentido de troca de experiências sobre práticas de ensino.

Assim, as formas e categorias de engajamento registradas são identificadas como elementos primordiais que contribuem para a produção do conhecimento e para seu compartilhamento, agregando valor às estratégias organizacionais, buscando um desenvolvimento contínuo e a disseminação do conhecimento entre todos os agentes envolvidos.

**Palavras-chave:** aprendizado, comunidades de prática, engajamento mútuo.

## 1. Introdução

Para melhor se posicionarem no mercado, dentro do atual cenário organizacional excessivamente competitivo que se apresentam, as empresas têm buscado elementos de aprendizagem, tendo a prática e a troca de conhecimentos como elementos indispensáveis para se obterem vantagens competitivas, além de ter um papel fundamental estratégico no âmbito organizacional.

Desta forma, faz-se necessária a adoção de novos métodos de aprendizagem que possam suprir as organizações, disseminando e gerenciando conhecimentos. Com isso, tais organizações constantemente buscam maneiras de melhorar a habilidade de seus membros para a realização de atividades, não somente para lidar com situações de incertezas, como para tomar decisões mais acertadas, através de um compartilhamento de conhecimento.

Diante disto, temos a Comunidade de Prática como uma forma adotada pelas empresas para estimular o compartilhamento de conhecimento, bem como o aprendizado. Tais “Comunidades” são acessíveis a qualquer grupo de pessoas que possuam a prática e os mesmos objetivos em comum, reunindo-se regularmente para refletir e repercutir sobre suas idéias de maneira coletiva.

Segundo Wenger (2003), Souza-Silva (2005) e Davel (2005), o termo *comunidade de prática* pode ser definido como “um grupo de pessoas que resolvem se aglutinar entre si para realizar empreendimentos comuns com vistas ao desenvolvimento em um domínio de conhecimento vinculado a uma determinada prática”. Dentro desta perspectiva, a aprendizagem ocorre de maneira informal, com a interação espontânea de seus membros, formando um mecanismo prático de aprendizagens, que adquirem formas que se vão se apresentar explícitas e direcionadas para determinada forma e campo do saber, sendo passadas sempre da fonte. Veja-se, por exemplo, mestre, para onde haja carência, estudantes. Porém, os estudos de aprendizagem revelam um conjunto mais complexo de relações sociais, por meio das quais a aprendizagem ocorre principalmente com os oficiais e aprendizes mais avançados, como mestres e estudantes.

Considera-se a comunidade de prática como uma estrutura ideal para a promoção e produção da aprendizagem. No Brasil, poucos são os estudos identificados sobre esta prática, porém a diversidade dos campos de pesquisa chama a atenção já que se identificam elementos relevantes nos processos de formação de uma comunidade de prática, conforme destaca Souza-Silva (2008): a) paradoxos como aquele de autogerenciamento x controle nas relações entre estruturas organizacionais normais e as informais nas comunidades de prática; b) o potencial das comunidades de prática para o trabalho colaborativo e novas formas de organização e articulação.

A premissa que norteia esta pesquisa é a ampliação sobre o tema Comunidade de Prática, sob a dimensão do engajamento mútuo. O estudo foi realizado junto a uma comunidade prática formada por corpo docente e coordenador do curso de ciências sociais em uma universidade privada no estado do Rio de Janeiro. Serão analisadas as interações, contribuições e discussões através das respostas delineadas a partir das questões realizadas com os professores e coordenador. Para tanto, o nosso foco recai sobre o estudo de uma de suas dimensões, o Engajamento Mútuo, buscando através de suas formas e categorias responder à questão do problema.

Na primeira parte deste artigo, apresenta-se o conceito de comunidade de prática, enfatizando as dimensões; na segunda parte, enfatiza-se o conceito, categorias e formas de engajamento mútuo para aprofundar as razões de seu surgimento; mais adiante, destacam-se os procedimentos metodológicos que orientaram o estudo empírico que teve como amostra um grupo de professores de ciências sociais de uma universidade privada no Rio de Janeiro,

utilizando entrevistas semi-estruturadas e observação para uma análise acerca dos aspectos relacionados ao engajamento mútuo, suas categorias e suas formas.

## 2. Referencial teórico

### 2.1 – Comunidades de Prática

No presente estudo, buscam-se os conceitos de comunidade e engajamento, aproximando o último da teoria social da aprendizagem, no qual Bandura (1977) propõe que o processo de aprendizagem depende de fatores ambientais (recursos, consequências de ações e ambiente físico), pessoais (crenças, expectativas, atitudes e conhecimento) e de comportamentos (atos individuais, escolhas e declarações verbais).

Ao conceituar *comunidades de prática* busca-se, primeiro, sua significação etimológica. Em um dicionário da Língua Portuguesa tem *comunidade*, do latim *communitate*, que pode ser entendida como um conjunto de seres vivos inter-relacionados que habita um mesmo lugar; já o termo *prática*, do latim *practicus*, tem motivações relacionadas com a *ação* ou com a *eficiência*.

Já no campo das ciências sociais, a comunidade é um termo com numerosos significados, tanto sociológicos como não sociológicos. Pode ser um grupo que tem algo em comum, como pode ser um senso de ligação, integração e identificação com outras pessoas, como em espírito ou senso de comunidade. Já o termo *prática* está ligado à forma de fazer, a competências, às atividades regulares e convencionais; liga-se à ação, ao processo criativo através das quais as pessoas trabalham, produzem bens e agem umas sobre as outras e sobre o mundo. (Johnson, 1995).

Para Lave e Wenger (1991), o termo *comunidade* não implica necessariamente em co-presença, tampouco em um grupo bem identificado, nem em limites socialmente visíveis. Implica sua participação em um sistema de atividades em que os participantes compartilham compreensões relativas ao que estão fazendo e o que isso significa em suas vidas individual e coletivamente (Lave e Wenger, 2003, p. 74). Já a prática leva à noção de que os comprometidos só poderão se desenvolver em algum domínio de conhecimento se estiverem convivendo com uma prática comum que seja capaz de criar e desenvolver repertórios de experiências.

As comunidades de prática existem desde que os humanos começaram a aprender juntos. Em casa, no trabalho, na escola, nos passatempos, todos pertencem a comunidades de prática, normalmente a um número delas. Em algumas, membros nucleares, em outras, meramente periféricos. E nós percorremos inúmeras comunidades ao longo de nossas vidas. 7 (Wenger, 2007: 3, tradução nossa).

A prática é, portanto, o desafio que aproxima as pessoas e mobiliza suas ações (Wenger, 2004), não levando em consideração a forma como o trabalho é realizado, mas, igualmente, como o conhecimento é criado e utilizado (Breu & Hemingway, 2002). Segundo Wenger (2000, p.225), uma Comunidade de Prática “designa um grupo de pessoas que compartilham um interesse comum, um problema que enfrentam regularmente, interagindo diariamente, e que se unem para desenvolver conhecimento de forma a criar uma prática em torno de um tópico” ou ainda são descritas como “um grupo interdependente de pessoas com conhecimento complementar que interagem através de (recursos e outras) relações”.

Para Brown e Duguid (2000), Comunidades de Práticas são “um grupo de indivíduos que trabalham juntos durante longo período e que, por terem compartilhado práticas, também compartilham experiências ricas”. (Merali, 2000).

Dentro deste contexto, Etienne Wenger afirma que aprender em comunidade de prática significa não somente se engajar em um processo de aprendizagem social, mas também compartilhar as práticas socioculturais - experiências, histórias, ferramentas, linguagem, visão, valores e procedimentos -, que emergem e se desenvolvem durante os momentos em que os membros interagem e expressam sua identidade naquele grupo. Três elementos são fundamentais para caracterizá-las, a saber: o domínio como interesse em uma competência compartilhada, valorizada pela comunidade, distinguindo seus membros de outras pessoas e as mantendo juntas; a comunidade como busca dos interesses de seu domínio, engajando-se em atividades conjuntas, discussões e compartilhamento de informações, interagindo e aprendendo em torno do seu domínio; por fim, a prática, que trata dos repertórios, experiências, histórias, enfim, o conhecimento e a informação compartilhados.

As comunidades de prática nascem da informalidade, da voluntariedade para gerar e desenvolver capacidades, necessárias para a produção de identidade, responsabilidade mútua, para as relações de reciprocidade e conexão, produzindo recursos lingüísticos comuns, rotinas e sensibilidades, sendo a fonte de coerência da comunidade.

**Figura 1: Dimensões da prática que unem uma comunidade**



Fonte: Adaptação de Wenger (1998: 5; 72).

As três dimensões são essenciais para a constituição de uma comunidade de prática, representando aspectos singulares a cada comunidade. A finalidade deste estudo será aprofundar questões relacionadas ao engajamento mútuo, que será detalhado neste artigo.

## 2.2 – Engajamento Mútuo

### 2.2.1 – Conceito de engajamento

Ao se estudar uma comunidade de prática, o engajamento mútuo é fator preponderante para que os membros se conectem e partilhem entre si suas experiências e conhecimentos, que surgem em diferentes graus ou posicionamentos entre a periferia e o centro da comunidade. Para o dicionário Houaiss - Sinônimos e Antônimos, seu significado está ligado a “dedicar-se, empenhar-se, lutar por, afiliar-se”. Já Sartre (1978) emprega o conceito de engajamento como “compromisso que assumimos perante nós e os outros no dar-mo-nos a uma ação concreta, no implicarmos-nos na própria vida ativa, no assumirmos uma posição ou atitude”. Desta maneira, o engajamento deve ser associado a uma idéia de sociedade, a um regime de reciprocidade

onde troca e interação surgem em diferentes graus envolvendo as aptidões e capacidades de cada pessoa.

Nas comunidades de prática, o engajamento está voltado para se fazer atividades em conjunto, pois estas são espaços “de empreendimento, de relações interpessoais, de conhecimento compartilhado. Tais comunidades podem ser chaves para transformações na vida das pessoas e suas práticas podem ser vistas como a própria história da aprendizagem.” (Schommer & França Filho, 2010). Assim, ao partilhar conhecimentos, promover interações de práticas cotidianas, negociar e renegociar os significados se desenvolve identidade e troca de saberes. Para Wenger (1998), participar da comunidade prática é envolver-se socialmente, o que é diferente de fazer parte de uma equipe de trabalho ou grupo de estudos, residindo à prática em uma comunidade de pessoas e na relação de engajamento mútuo.

### **2.2.2 Formas de engajamento**

Engajamento faz parte de um processo de construção de uma comunidade e está ligado ao processo de participação ativa na comunidade, necessitando de facilitadores para compartilhar conhecimentos com confiança, liberdade e criatividade, fundamentais para a sua consolidação. O engajamento mútuo incentiva novas abordagens e é influenciado por um entendimento recíproco. Para este processo se consolidar, algumas formas de engajamento são destacadas por Wenger (1998), que veremos a seguir.

Em um primeiro momento, temos a reciprocidade, em que há uma correspondência de atos e palavras. São exemplos dignos de serem realçados: as facilidades interacionais, proporcionadas pelas novas maneiras de interação, onde atuam espaços físicos e virtuais, tecnologias e comunicações; as tarefas conjuntas, que são as atividades a serem realizadas em grupo, bem como a disponibilidade para ajudar; a perifericidade, em que a participação acontece pela observação, sendo legítima e periférica para o funcionamento do grupo, promovendo o encontro entre fronteiras e as maneiras de pertencimento a vários graus de participação periférica.

No âmbito da competência, os saberes e recursos são mobilizados e combinados para gerar conhecimento, não sendo algo que possa ser pré-definido. A competência é criada e definida na ação, na iniciativa e no saber – em atitudes que induzem a averiguação do engajamento –, nas habilidades, no desenvolvimento de soluções. Seus exemplos destacados são: tomada de decisão, que é fator relevante; responsabilidade; avaliações recíprocas; estilo reconhecível; negociação para empreendimento mútuo e, finalmente, as ferramentas, artefatos que dão suporte às competências, discursos, termos, conceitos e delegação de facilidades.

Outra forma seria a continuidade, em que as pessoas, ao participarem da comunidade, necessitam sentir que a prática é sustentada (com a contribuição delas) e que existe um planejamento relativamente estável de atividades. A continuidade pode ser dividida em: memória reificativa, que é um repositório de informações, documentação e mecanismos para busca de informações; memória participativa, onde encontros entre diferentes gerações, sistemas de aprendizagem e trajetórias paradigmáticas são levados em consideração.

Ao se compreender e reconhecer estas formas de engajamento, dizemos que o aprendizado pode ser produzido em diferentes níveis, com criatividade e energia social, desenvolvendo o sentimento de pertencimento na comunidade.

### **2.2.3 – Categorias de engajamento mútuo**

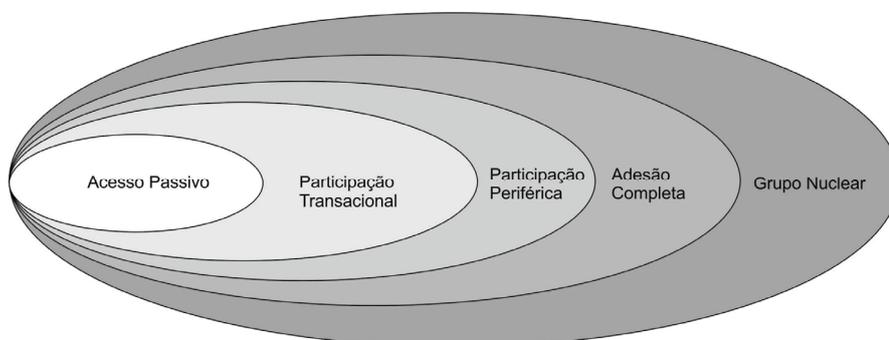
As comunidades de práticas envolvem múltiplos níveis de participação e adesão, já que o engajamento produz a aprendizagem de diversas formas, envolvendo a competência de cada membro. O que faz com que isso seja possível é a capacidade de diversidade e envolvimento

de cada participante, formando, na prática, um espaço com identidade única que se integra ao longo do engajamento. Wenger (1999) define algumas categorias de engajamento:

- a) acesso passivo: um grande número de pessoas que têm acesso aos artefatos produzidos pela comunidade, como suas publicações, seu *web site* ou suas ferramentas;
- b) participação transacional: pessoas de fora da comunidade que interagem com ela ocasionalmente para receber ou prover um serviço sem tornar-se um membro da comunidade;
- c) participação periférica: pessoas que pertencem à comunidade com menos engajamento e autoridade, talvez pelo fato de serem novatos ou por não terem muito compromisso pessoal com a prática;
- d) adesão completa: membros que são reconhecidos como praticantes e definem a comunidade;
- e) grupo Nuclear: um pequeno grupo no qual a paixão e o engajamento energizam a comunidade.

A distinção destas categorias é útil, porque contribui com um aspecto diferente de pertencimento ao grupo criando uma compreensão, estabelecendo normas e relações de reciprocidade que refletem estas ações. Para melhor entender estas categorias, disponibilizamos abaixo uma figura que exemplifica o texto:

**Figura 2. Níveis de participação**



(Wenger, 1999 adaptado por Kimieck, 2002)

As categorias de engajamento sustentam a existência de conexões entre os modos de participação. Para o autor, há a participação em vários níveis na ordem de maior centralidade para a maior periferalidade, já que as fronteiras de uma comunidade de prática são mais flexíveis do que as das unidades organizacionais, uma vez que as pessoas se engajam mutuamente em busca de um mesmo propósito, que se torna mais forte se o conhecimento for articulado.

Para Wenger, criar condições para o engajamento permite que essa dimensão ajude a definir uma comunidade de prática e mantenha a sua coerência. (Wenger, 1998, p.74). Assim, grupos com objetivos e desafios compartilhados interagem buscando desenvolver habilidades e soluções de problemáticas que venham a surgir. Já para Kimble e Hildreth (2004), “as pessoas são ligadas umas às outras pelo engajamento mútuo em atividades compartilhadas, orientadas por um senso de propósito comum, de empreendimento coletivo, desenvolvendo

um repertório próprio”. Engajamento mútuo dentro da comunidade de prática contribui para a aglutinação e distribuição do saber, advindo da experiência entre os seus membros, criando condições para que, durante o aprendizado, se construa um entendimento com significados em comum, juntando os diversos elementos do ambiente social em que está inserido.

#### **2.2.4. Engajamento na prática, no aprendizado e na comunidade**

O processo de engajamento na prática envolve a pessoa como um todo, podendo ocorrer a qualquer momento nas práticas cotidianas, dependendo do envolvimento que deve para a articulação entre de ação e reflexão. “Entender e experimentar estão em constante interação e são mutuamente constituídos”. (Schommer & França Filho, 2010).

Além disso, observamos que no primeiro momento de cada membro, ao se engajar em uma comunidade, há o estabelecimento de uma identidade individual e a identificação de afinidades, aumentando, com o passar do tempo, a legitimidade desta.

Em relação à aprendizagem, o engajamento é a fonte, mas não a única forma de aprender. É a forma de experimentar, de conviver permitindo uma articulação entre teoria e prática. O desenvolvimento se dá na medida em que se podem agrupar membros homogêneos entre si e em outras comunidades, tornando-as “integradas por pessoas de diferentes origens e trajetórias em prol de um empreendimento compartilhado”. (Schommer & Filho, 2010). Com isso, transformamos nossas identidades, promovendo a interação social e colaboração entre os membros.

Com relação à comunidade, o engajamento cresce a partir da interação entre competência e experiência, fatores preponderantes para o engajamento mútuo. Cada comunidade constitui uma unidade, e nem toda comunidade define-se pelas práticas que compartilha, assim como nem toda prática está inserida no âmbito de uma comunidade específica. “Cada comunidade possui um domínio de conhecimento que lhe é próprio que constitui o núcleo de engajamento e de sua identidade”. (Wenger, 1998).

### **3. Metodologia**

A presente pesquisa tem como objetivo aprofundar os estudos sobre a dimensão engajamento mútuo em uma comunidade de prática, identificando suas categorias e formas.

Ao se definir o que é uma comunidade de prática, é esclarecido aqui o caminho percorrido para a realização do trabalho. O estudo de caso foi o método escolhido, pois segundo Yin (2010) “investiga o fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto de vida real, especialmente quando os limites entre fenômeno contemporâneo em profundidade e em seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e contexto não são claramente evidentes”. Na construção do referencial teórico, foram pesquisados autores que vêm trabalhando com a temática de comunidades de prática no Brasil - utilizando uma pesquisa bibliográfica, por meio de buscas de palavras chave, nas bases científicas de dados identificando estudos, teses, dissertações, livros, artigos em revistas acadêmicas.

Após o levantamento bibliográfico, buscou-se explorar o problema da pesquisa definindo-se como amostra um curso superior de ciências sociais aplicadas de uma universidade privada no Estado do Rio de Janeiro. O curso foi escolhido por ter boas avaliações do Ministério da Educação (MEC) e apresentar pouca rotatividade do corpo docente.

O estudo de caso dessa organização foi realizado com treze entrevistas individuais semi-estruturadas junto a professores e o coordenador de curso. Dos professores entrevistados, quatro possuem dedicação exclusiva, enquanto os demais exercem outras atividades profissionais dentro da área; além disso, quatro deles possuem formação em outros cursos

como filosofia, psicologia e direito. Cada entrevista durou em média cinquenta minutos, com observações de campo registradas.

O grupo de perguntas foi dividido em três blocos. Num primeiro nível, buscou-se identificar a existência da comunidade e sua motivação; num segundo momento, a percepção pessoal acerca do grupo; num último estágio, quais artefatos e elementos são registrados por eles. Para tratamento dos dados transcritos foi utilizada a técnica de análise do discurso, que segundo Martins (2009, p.100), “em todo discurso há um sentido oculto que pode ser captado, o qual, sem uma técnica apropriada, permanece inacessível”. O foco de interesse desta técnica é transpor o olhar do leitor para conclusões menos óbvias e mais profundas, permitindo conhecer o significado nas transcrições tanto do que está explícito como do que está implícito. Não só o que se fala mais como se fala levando em consideração, aspectos verbais, como também os paraverbais, ou seja, pausas entonação, hesitação e os não-verbais que são gestos, olhares e sensações de desconforto. (Martins, 2009).

Após a transcrição das gravações, fez-se primeiramente a separação das falas, com as semelhanças mais pontuais. O objetivo geral foi de construir um entendimento e preencher a lacuna do estudo, que é a identificação, neste grupo, da existência de uma Comunidade Prática dentro do enfoque de engajamento mútuo, buscando suas formas e categorias, possibilitando elaborar um percurso para nossa argumentação, capaz de responder ao problema da pesquisa.

## **5 – Análise dos dados**

### **5.1 Categorias de pesquisa**

#### **Comunidades de prática**

Ao pensar em comunidades, pode-se dizer que os membros estão conectados com integração, identificação, sentimento de pertencimento e compromisso recíproco. Ao intensificar estas relações, compartilhar repertórios e informações, ligar as pessoas, envolvendo-as em atividades ou práticas habituais, engajadas mutuamente com um propósito e objetivo comum, tem-se a comunidades de prática, que não se reduz a propósitos instrumentais. Refere-se a conhecer e também estar junto, dando significado à vida e às ações de cada membro, desenvolvendo identidade (Wenger, 1998). O grupo em questão possui tais características, pois partilha conhecimentos em busca de um propósito comum com a constante troca de práticas e experiências, promovendo a qualidade do aprendizado. Os conhecimentos partilhados por essa comunidades de prática são voltados para a preparação de artefatos de apoio ao ensino, à utilização de técnicas, ao comportamento do alunado, e princípios, valores e crenças educacionais.

bom, o que entendo como comunidades de prática, esta troca de informação, uma interlocução e trocas de experiências da sala de aula, sempre existiu a idéia de que o grupo de serviço social troca, na verdade, permanentes informações a respeito da prática da experiência que a gente tem, então este grupo, pelo que eu saiba, existe desde que o curso nasceu, existe esta troca permanente entre os professores.  
(Prof. 04).

Ainda segundo os professores, essas práticas favorecem um ambiente de intercâmbio de experiências distintas, já que nem todos possuem a mesma formação, mas podem utilizar outras formas e práticas na ação docente, aumentando o repertório de experiências de ensino.

Eu sei que o colegiado de serviço social tem uma formação heterogênea, tem professores de história, de sociologia e de serviço social. Acho que é um colegiado que tem uma organicidade. Estas trocas de diferenças são muito harmônicas, muito construtivas. (Prof.04)

Nas observações de campo, são identificadas a formação de outras comunidades dentro de um mesmo domínio, já que os participantes estão sempre ativos nas trocas de informações, no relato de experiências, assim como há um grupo mais jovem de docente, que interage por possuir atividades extras organizacionais em conjunto.

lá vocês viram que tem um grupo muito jovem, o professor 07 que é coordenador de pós e as professoras 01 e 03 estudaram comigo na PUC, o professor 07 foi para o doutorado e fez umas disciplinas comigo e 03 e 01 se formaram comigo. Se conhece já tem uma interação pessoal que se extravasou para a relação profissional que é muito consequência disso, o fato, por exemplo, do professor 07 já ter sido professor de disciplinas que estou dando neste período a professora 03 também, a gente ter trocado, você tava falando de comunidades de prática, vamos dizer que sim uma relação não formal mais entende que a gente tem um laço talvez do coletivo, muito visível que de repente em outros cursos não há. (Prof. 06)

E por fim, identifica a existência de algumas lideranças, além do coordenador do curso, seja por estar a mais tempo no grupo, ou por já ter sido aluna, ou por conhecer melhor a estrutura organizacional. Estas lideranças – ou pelo menos 2 delas – conhecem a dinâmica do curso e sua estrutura, sendo fundamentais referências não só na entrada de novos membros ao grupo, como também na continuidade e disseminação das práticas.

eu percebo que existe um grupo com os mesmos valores, os mesmos objetivos, que tem uma motivação, tem aquela pessoa que quer inovar, que tem a mesma energia, que tem o mesmo objetivo, você começa a se aproximar. Tem a professora 03, eu adoro a professora 03, ela tem um perfil parecido com o meu, ela gosta de coisas novas, é jovem, bem mais jovem que eu, mas ela tem motivação, ela busca, ela estuda, ela se interessa pelos alunos, ela quer inovar, então eu me identifico com a professora 03. (Prof. 13).

foi difícil quando entrei, já tinha tido o colegiado e a professora 03 me ajudou muito, o professor 07 também, eles me apresentaram a cultura organizacional junto com o coordenador do curso. (Prof. 06).

Partindo-se da premissa de existência de uma comunidade de prática, buscou-se identificar a existência de engajamento mútuo entre seus membros. Para fundamentar melhor os elementos encontrados, lançou-se mão das categorizações identificadas pelos autores.

### **O engajamento na prática**

De acordo com os entrevistados, a formação em serviço social se utiliza de instrumental científico multidisciplinar das ciências humanas e sociais para análise e intervenção nas diversas “questões sociais”. Possui um projeto profissional coletivo e hegemônico, chamado projeto ético-político, através do qual expressa o compromisso dos profissionais na construção de uma nova sociedade justa, democrática e garantidora de direitos universais. Assim, a profissão possui um natural compromisso com o engajamento, uma paixão, como dizem os entrevistados na sua maioria. Sendo um fator preponderante, o engajamento dos professores nessa comunidade tem por objetivo central o desenvolvimento docente, direcionando esta comunidade para a troca de experiências.

se você for fazer esta entrevista com outros assistentes sociais, talvez eles te passem uma idéia bem parecida com o que eu vou passar pra você. Há uma identidade, assim, muito bem estabelecida entre os assistentes sociais, é uma corporação que tem uma identidade muito clara, e, assim, eu acho que o núcleo desta identidade é o que a gente chama de projeto ético político profissional. (Prof. 02).

é essa paixão pelo curso, comprometimento que a gente tem, dedicação, assim vai lá que a gente percebe os profissionais que têm o perfil que podem vir a somar e que têm a paixão da própria coordenação que começou o curso sempre nesta linha. (Prof. 03).

Os entrevistados ressaltam a importância da prática como forma de compartilhar as vivências, situações diversas, busca de recursos e oportunidades de aprendizado. Estar engajado com coesão propicia a motivação de que o grupo necessita para a missão maior, destacada por todos, que é a formação dos alunos, este discurso corrobora com a afirmação de Schommer & França Filho (2010) onde numa comunidade de prática o engajamento mútuo está voltado para fazer as atividades em conjunto, pois estas são espaços de empreendimento, de relações interpessoais e de conhecimento compartilhado.

então, esta comunidade existe desde que o curso nasceu, o colegiado tem grupos e subgrupos de troca de informações, práticas, experiências e interlocuções intelectuais, no sentido de que professores que têm mais afinidade temática nas suas disciplinas se falam o tempo todo para trocar informações sobre a ementa, sobre o programa, sobre as práticas do dia-a-dia de sala de aula. Então, desde que entrei no curso, há 4 anos e meio que o curso já existia, eu já percebo a existência dessa experiência, desta prática. (Prof. 04).

### Formas de engajamento

O engajamento é um processo no qual a negociação contínua de significados, formação de trajetórias e repertório de práticas trabalham juntos, ou seja, para a aprendizagem, não é apenas uma questão de atividades, mas de construção da comunidade da energia social e do aprendizado emergente. As formas mais identificadas amparadas pelo aporte teórico de Wenger (1998), ao se analisar os discursos foram: a reciprocidade, que é o ponto facilitador do engajamento, em que as tarefas comuns – como reuniões de colegiado – transformam-se em encontros para a discussão de avaliações, programas, metodologias, dificuldades e trocas de novas experiências; já a falta de tempo é uma limitação, posto são identificados obstáculos em realizar tarefas em conjunto, uma vez que quatro professores possuem dedicação exclusiva.

A gente estava avaliando período por período, vai período por período, o que o primeiro período tem de característica...quem que deu aula, como é cognitivo, afetivo que é uma forma de você conhecer o curso e passar para o outro a experiência que você teve anteriormente. (Prof.09).

O nosso cotidiano é e-mail, telefonema, se você foi naquele dia a Caxias, mas se você for noutro dia vai ver que a porta da minha sala nunca estará fechada, ela é aberta, escancarada. Então, as pessoas entram, sentam, trazem ideias, elas perguntam “precisa de alguma coisa aí”.(Prof.09).

Se a gente verifica que alguém tá precisando de um *help*, quer discutir alguma coisa, um bate papo sobre a disciplina, à gente indica bate papo, conversa por e-mail, troca experiências, a gente fala “vem cá, vamos marcar um encontro”, então troca. (Prof.09).

Outra forma identificada foi a competência, onde há a construção coletiva. A responsabilidade pelo bom andamento pedagógico do curso é dividida entre todos. A coordenação do curso, identificada como elemento crucial para o bom andamento dos trabalhos, possui habilidade para criar conexões, importar ideias, bem como compartilhar artefatos e discursos que são levados a todos em busca de soluções para possíveis problemas e planejamento futuro.

o grupo de Serviço Social da Universidade Privada do Rio de Janeiro tenho certeza que ele é bastante motivado. Nós temos um coordenador, sem querer fazer nenhuma média, mas é a pura realidade, ela é muito rígida, muito exigente, mas ao mesmo tempo ela é muito parceira, defende a todos nós. (Prof. 05).

tanto quanto os outros colegas, não mais responsável que os outros colegas, ou seja, é uma coisa tão horizontal, não tem uma verticalidade, não tem uma hierarquia, eu entendo que o que você chama de comunidades de prática seja algo espontâneo, e não algo direcionado, então me sinto tão responsável quanto os outros colegas, não sinto nem mais nem menos. Eu acho que se meu trabalho der certo e se puder trocar com os colegas, o trabalho alheio vai bem e vice-versa. A gente é responsável coletivamente pelo bom andamento do trabalho pedagógico de uma turma. (Prof. 04).

deixa a gente muito tranquilo pra poder propor mudanças. Vocês tiveram a oportunidade de ver aquele dia lá, a gente conseguiu dialogar, sem maiores imposições. (Prof. 02).

Wenger (1998), afirma que na continuidade, outra forma de engajamento, as pessoas, ao participarem da comunidade, necessitam sentir que a prática é sustentada e que existe um planejamento relativamente estável. Ao se analisar o discurso, foi possível observar este elemento, através da memória participativa que é identificada, já que há um compromisso mútuo com a formação profissional dos alunos. Por isso a identidade teórica é citada para a construção de um objetivo comum.

um tem uma idéia [...] é melhor fazer assim, e pensando todo mundo junto, não tem como, sempre isso que dá respaldo para todo o nosso trabalho, a abecs que dá as diretrizes. Essa idéia tipo que nós estamos vai bater com aquela ali, tendo será que pode ser assim? Sempre com um sentido ali, outro chega pode contribuir, mais um...tudo em torno das metodologias dos parâmetros de atuação e da formação.

### **Categorias de engajamento**

À luz do referencial de Wenger (1999) buscou-se as categorias do engajamento que produzem a aprendizagem de diversas formas, envolvendo a competência de cada membro. Durante a análise das entrevistas, observa-se dentro das categorias de engajamento que este é um grupo nuclear, no qual a paixão e o engajamento energizam a comunidade.

essa paixão pelo curso, o comprometimento que a gente tem, dedicação assim “vai lá que a gente percebe os profissionais que têm o perfil que podem vir a somar” é que tem a paixão da própria coordenação que começou o curso sempre nesta linha. (Prof. 04).

Sendo um grupo nuclear, alguns membros são identificados como focais nesta identificação, já que lutam para que esta comunidade exista, ganhando cada vez mais espaço e estrutura.

é um enxame, mexeu com uma abelha ali, ela (prof.09) é uma abelha rainha, defende todos nós, ela confia principalmente em todos nós, isto nos motiva muito. (Prof. 05).

Na análise, é identificado também nesta comunidade afinidades intelectuais intercâmbios de experiências e a busca sempre pelo entrosamento para um propósito comum. O curso funciona como uma engrenagem onde cada um tem seu papel. As reflexões e responsabilidades são divididas entre todos, trazendo sempre a retroalimentação das atividades.

A gente está na mesma missão, mesmas possibilidades, o grupo é muito bom e coeso com a mesma proposta. (Prof. 06).

Ao destacar a adesão completa, infere-se que os membros desta comunidade são reconhecidos como praticantes. Todos os entrevistados são identificados com os programas do curso de maneira homogênea, já que se sentem parte do grupo e dividem experiências, criando um forte laço de identidade, de espírito de grupo e de fazer parte dele. Outro fator destacado entre o grupo é a “paixão” pela docência tanto dos profissionais de serviço social como nos demais.

este tipo de cultura, digamos, de prática, de trabalho de campo, eu compartilho com as outras pessoas. Essa coisa, por exemplo, as avaliações, os seminários, a gente troca muito, eu gosto muito de dar seminários, os outros professores também, a gente discute sobre a validade disso ou não, sobre a carga ou peso disto num determinado semestre para o mesmo grupo, vários seminários. Este tipo de cultura ou elemento de uma cultura de prática de aprendizado e pedagógico, eu compartilho com as outras pessoas do grupo. (Prof. 04).

possui mesmos valores, objetivos, motivação, mesma energia e vontade de inovar, além de ser um grupo bastante motivado. (Prof. 13).

## 6 - Considerações finais

Com base num estudo empírico realizado em uma universidade privada do Rio de Janeiro, do curso de ciências sociais, este artigo teve como propósito principal investigar uma comunidade de prática sob o aspecto do engajamento mútuo, dando ênfase nas suas categorias e formas. Ao se percorrer os caminhos teóricos conceituais e metodológicos, amparados no conceito definido por Wenger (2000, p.225) focamos, num primeiro momento, aprofundar o conceito de comunidade de prática e de uma de suas dimensões, o engajamento mútuo. Neste sentido, identificamos ao analisar os dados coletados (entrevistas), junto a professores e coordenador de curso, que a riqueza de experimentar e de construir em conjunto são fatores primordiais para a existência desta comunidade de prática, bem como a identificação do engajamento mútuo, uma de suas dimensões.

O estudo observou por meio dos depoimentos dos professores, um compartilhamento de experiências e idéias, informações, materiais, conceitos, conhecimentos, entre outros, propiciando desta forma um maior desenvolvimento do grupo, bem como a transformação de toda a prática gerando novas maneiras e processos pedagógicos.

Um dos fatores mais comuns, no que se refere ao engajamento mútuo nessa comunidade de prática, é a vontade de se desenvolver como docente, direcionando a comunidade no sentido da troca de experiências sobre práticas de ensino. Assim, as formas e categorias de engajamento são identificadas como elementos fundamentais e indispensáveis que contribuem para a formação e expansão do conhecimento, a realização de trocas através da confiança e valorização do compartilhamento, agregando valor as estratégias organizacionais, já que os

resultados gerados são efetivos, buscando um desenvolvimento contínuo e disseminação do conhecimento entre todos os agentes envolvidos.

Ao se construir espaços onde estruturas informais podem catalisar saberes, há a formação de uma cultura de aprendizagem, no qual a construção de significados e valores estão voltados para o fim maior que é a qualidade no ensino. A construção de identidade e valores para este grupo são de vital importância, já que há um norteamento para atitudes, procedimentos e comportamentos sempre com a ação de colaboração, ou seja, um saber-repassar entre os membros, independente do tempo de permanência, já que os novatos colocam sua participação de forma aberta para o grupo. O coordenador do curso, neste aspecto, conforme já identificado nos resultados, possui papel fundamental, pois seu foco está na socialização dos saberes em todo o processo, enfatizando que cada membro do grupo, dentro de sua expertise, possui papel catalisador e de importância para um objetivo maior que é o projeto ético, político e social da formação voltada para as ciências sociais.

Com isto, este artigo nos trouxe subsídios transparentes para uma identificação do engajamento mútuo entre os professores, auferir seu envolvimento em busca do objetivo maior do ensino que é a formação dos alunos. Assim, podemos acreditar que as perspectivas teórico-metodológicas apresentadas neste artigo, nos remete a delinear respostas que respondem a todas as questões iniciais, desde os tópicos referentes à comunidade, perpassando pelas pessoas até atingir os artefatos, nos mostrando que o engajamento mútuo está solidificado dentro deste grupo de professores desta universidade.

Por se tratar de um estudo de caso único, não podemos observar se existe na cultura da organização o incentivo, a disseminação de outras comunidades de prática, sendo esta uma limitação do estudo, assim a aplicação do mesmo tipo de estudo em outros cursos trará o aprofundamento necessário para o entendimento acerca das dimensões de uma comunidade de prática, acompanhamento de suas fases e categorias de engajamento ao longo do tempo.

## 7 – Referências bibliográficas

- Bandura, A. (1977). *Social learning theory*. New York: General Learning Press.
- Breu , K & Hemingway, C. (2002). *Collaborative processes and knowledge creation in communities-of-practice*. Creativity and Innovation Management Journal (p. 147-153).
- Brown, J. S. & Duguid, P. (2000). *The social life of information*. Boston: Harvard Business School. Press (p. 319).
- Conselho regional de serviço social. <http://www.cressrj.org.br/servicosocial.php>. Consulta feita em 11/02/2011.
- Duarte-Freitas, M. C., Nunes-Silva, H. F, Marchiori, Patricia, Bred & Sônia Maria.(2007). *Comunidades de aprendizagem: experiência acadêmica no projeto integrado em Gestão da Informação*. Inf, Inf, Londrina, v.12, n.1, jan/jan.
- Foucault, Michel. (2005). *A Ordem do Discurso*. ed. 5°. São Paulo: Loyola, 1996. A arqueologia do Saber. ed.7°. Tradução Luiz Felipe Neves. Rio de janeiro: Forense Universitária.
- Johnson, Allan. (1995). *Dicionário de Sociologia: guia prático da linguagem sociológica*. Jorge Zahar Editor (p. 45-46)
- Kimble, C.; Hildreth, P. M. *Communities of practice: going one step too far?* In: Association Information and management (AIM), 9th, May 2004, Evry (France). Proceedings 9ème colloque de l'AIM. Evry: AIM, 2004.  
Disponível em : [http://www.aim2004.int-evry.fr/pdf/Aim04\\_Kimble\\_Hildreth.pdf](http://www.aim2004.int-evry.fr/pdf/Aim04_Kimble_Hildreth.pdf). Acesso em 03/01/2011.
- Kimieck, Jorge L.(2002). *Consolidação das comunidades de prática: um estudo de caso no PROINFO*. Dissertação ( Mestrado em Tecnologia) – PPGTE – Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná, Curitiba.
- Lave, J. & Wenger, E. (1991). *Situated Learning: Legitimate Peripheral Participation*. New York: Cambridge University Press.
- Lave, J; Wenger, E. (2003). *E. Situated learning: legitimate peripheral participation*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Martins, Gilberto de Andrade; Theóphilo, Carlos Renato (2009). *Metodologia da Investigação Científica para as ciências Sociais Aplicadas*. São Paulo , Atlas.
- Merali, Y. (2000). *Communities of practice in knowledge management. Intelligence in industry*. United Kingdom, n. 3, p. 9-13, mar./apr.
- Nicolini, A. Mendes. (2007). *Aprender a governar: A aprendizagem de funcionários públicos para as carreiras de estado*. Tese (Doutorado). Pós-Graduação em Administração da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia.

Sartre, J. Paul. (1978). *O existencialismo é um humanismo*. Tradução e notas de Vergílio Ferreira. São Paulo : Abril Cultural. ( Os pensadores), p.32.

Schommer, P. C. (2005). *Comunidades de Prática e articulação de saberes na relação entre universidade e sociedade*. Tese (Doutorado). pós-graduação na Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas.

Schommer, P. C. & Filho G. C. de F. (2010). *A metodologia da Residência Social e a aprendizagem em comunidades de prática*. NAU - Revista Eletrônica da Residência Social do CIAGS/UFBA, Salvador, v.1, n.1, p. 203-226 Jun/Nov.

Souza-Silva, J.C. (2009). *Condições e Desafios ao Surgimento de Comunidades de Prática em Organizações*. RAE – Revista de Administração, v. 49, n.2, abr/jun.

Souza-Silva, J.C. & Schommer, P. C. (2008). *A Pesquisa em Comunidades de Prática: Panorama Atual e Perspectivas Futuras*. O&S, 2008.

\_\_\_\_\_. *Aprendizagem organizacional: condições e desafios para o desenvolvimento de comunidades de prática em organizações de ensino superior*. Tese (doutorado). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, 2005.

Souza-Silva, J. C & Davel, E. (2005). *Conceptions, practices and challenges in faculty development: learning from the Brazilian experience*. Paper presented at 2005 Annual Meeting of American Educational Research Association. Montréal, Canada: AERA. ( p.20).

Wenger, E. (1998). *Communities of practice: learning, meaning and identity*. Cambridge: Cambridge University Press.

\_\_\_\_\_. *Communities of practice*. Stewarding Knowledge, November 6, 1999.

\_\_\_\_\_. [http:// Communities of Practice and Social Learning Systems](http://www.communitiesofpractice.com/). Sage Publications. Disponível em <http://online.sagepub.com/content/7/2/225,2003>. Acesso em 09/09/2010.

\_\_\_\_\_. *Knowledge management as a doughnut: Shaping your knowledge strategy through communities of practice*. Ivey Business Journal, London, 2004.

\_\_\_\_\_. *Communities of Practice: a brief introduction*. Website Oficial de Etienne Wenger. Disponível em: <http://www.ewenger.com/theory/index.htm> Acesso em: 6 de dezembro de 2010.

Wenger, E. & Snyder, W.M. (2000). *Communities of practice: the organizational frontier*. *Harvard Business Review*, v.78, n. 1 (p.139-145)

Wenger, Etienne. *Communities of practice and social learning systems*. *Organization*, 2000: 7(2), (225-46).

Wenger, E. (2003). *Communities of practice and social learning systems*. In: Nicolini, D; Gherardi, S. e outros (Ed) *Knowing in organizing: a practice-based approach*. New York: M. E. Sharper.

Yin, Robert K, Estudo de Caso, Planejamento e Métodos. Porto Alegre: Editora Bookman, p.47